

# "O Brasil impressiona bem"

por Norton Godoy  
de Brasília



Lady Young

O governo britânico está bem impressionado com "a maneira corajosa e a determinação com que o governo e o povo do Brasil trabalham para superar as suas dificuldades", revelou ontem, a baronesa Young, vice-chanceler da Inglaterra, que iniciou ontem uma visita de sete dias ao País. "As medidas firmes tomadas pelo Brasil estão começando a produzir resultados positivos", acentuou.

Lady Young reiterou a posição do seu país em relação à posse das ilhas Malvinas (Falklands), segundo a qual só será possível retomar os contatos diretos anglo-argentinos caso o governo de Buenos Aires afirme publicamente que encerrou as hostilidades. Ela não revelou, contudo, o teor de suas conversas com o chanceler Saraiva Guerreiro a respeito desse tema — o Brasil representa os interesses argentinos em Londres, desde que houve o rompimento de relações

durante a Guerra das Malvinas.

Lady Young informou também que o governo britânico não concorda com a idéia de um encontro de cúpula entre governos credores e devedores para tratar politicamente do problema da dívida externa latino-americana. De acordo com ela, a Inglaterra prefere discutir o problema caso a caso, mesmo na hipótese de conversações governo a governo.

## REESCALONAMENTO

Embora tenha sido taxativa na discordância de um encontro de cúpula entre governos credores e devedores — tese que vem sen-

do defendida pelos governos devedores da América Latina, entre os quais o Brasil —, a emissária britânica disse que o seu país está estimulando os reescalamentos plurianuais de dívidas comerciais. "Estamos prontos e negociar, onde apropriado, de maneira semelhante, isto é, plurianualmente, as dívidas com governo e órgãos governamentais."

Lady Young, membro da Câmara dos Lordes responsável por assuntos latino-americanos no Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha ("Foreign Office"), encerrou ontem a sua agenda em Brasília. Em entrevista coletiva à imprensa, lembrou os resultados da conferência de Londres entre os governantes das sete potências ("summit"), afirmando que nessa ocasião se concordou em que os países participantes deveriam desenvolver uma estratégia "flexível" para ajudar os países devedores a melhorar sua posição econômica.

"Concordamos igualmente em estimular o reescalamento da dívida por prazos maiores e em continuar a fortalecer políticas que levassem a taxas de juros menores", acrescen-

tu. Fazendo um raciocínio de causa e efeito, disse que a reação da conferência de Cartagena — entre os governos devedores latino-americanos — "às nossas idéias e o considerável grau de cooperação e moderação manifestado pelos países da América Latina naquela conferência, foram, para nós, animadores".